



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6929 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

## AS REDES EDUCATIVAS E OS PROCESSOS CURRICULARES DA REDE MUNICIPAL CARIOCA NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Rebeca Silva Brandão Rosa - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

Alessandra da Costa Barbosa Nunes Caldas - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **AS REDES EDUCATIVAS E OS PROCESSOS CURRICULARES DA REDE MUNICIPAL CARIOCA NO CONTEXTO DA PANDEMIA**

Desde o dia 16 de março de 2020, os profissionais da rede pública de ensino do município do Rio de Janeiro vêm enfrentando uma série de desafios no que diz respeito às medidas protetivas possíveis diante da pandemia do novo coronavírus, como o isolamento social. Até o momento da escrita desse texto, os profissionais da saúde que trabalham na linha de frente de combate à pandemia (pesquisadores e médicos), ainda não dispõem de vacina para proteger a população da doença – algumas vacinas estão em fase de testes. Até então, o isolamento social é considerada a estratégia mais segura para aqueles que têm comorbidades como para os demais indivíduos. E, principalmente, para o sistema de saúde (considerando ambas as esferas: pública e privada) ter condições de garantir atendimento a todos.

As demandas do alunado da rede pública de educação da cidade do Rio de Janeiro são diversas e abrangem um enorme quantitativo: 641.141 (dados da secretaria de educação do município). A reivindicação mais alarmante das famílias diz respeito à segurança alimentar, que precisou de uma estratégia assistiva para todos os estudantes – além dos já beneficiados pelo programa Bolsa Família.

O ano de 2020 sem dúvida ficará marcado na história da humanidade. Na educação também deixará importantes heranças. Para muitos profissionais da rede de ensino tem sido desafiador por um lado – porque nos vimos diante da necessidade de usar as tecnologias a nosso favor e para continuar incentivando estudantes do “outro lado da tela” (do celular, do computador, da TV etc.). O que marca essa atual pandemia, sem dúvida, são as possibilidades tecnológicas que podemos lançar mão para fazer valer ‘*espaçostempos*’ da quarentena (a dicotomia, própria da construção da ciência na Modernidade, é entendida como limite para nós que trabalhamos em pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos. Por esse motivo, preferimos escrever algumas palavras desse modo: juntas, em itálico e com aspas simples, para indicar que são termos indissociáveis).

Cada um encontra diferentes meios de superar as dificuldades desse isolamento e os dispositivos tecnológicos ubíquos tem sido um meio através do qual nos comunicamos com outras pessoas e outros *'saberesfazeres'*. No início precisamos, para manter o vínculo com os estudantes, preparar e enviar atividades lúdicas e pedagógicas para as crianças fazerem com suporte dos responsáveis. Em especial no segmento da Educação Infantil, grupo que por não ser alfabetizado, detêm autonomia muito relativa para acompanhar as atividades remotas. Aos poucos as *'prácticasteoriaspráticas'* foram se formalizando, ganhando estrutura e melhor organização. As vias de comunicação – *Google Sala de Aula, Facebook, Instagram, WhatsApp* – foram abertas à livre escolha das escolas e, depois, acrescentada às essas redes sociais da internet a plataforma de ensino *Microsoft Teams*, que se tornou uma via institucional da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro de enviar atividades remotas aos estudantes.

Isso porque a intenção é de democratizar o acesso disponibilizando em todos os canais possíveis de comunicação. Os *'usos'*, na perspectiva de Certeau (1998), tem a ver com as infinitas possibilidades que os usuários lançam mão para consumir os artefatos, nesse caso, tecnológicos. Assim, professores, em parcerias com seus colegas nas escolas, produzem videoaulas, filmando e editando com técnica ora refinadas, ora precárias, mas que comunicam aquilo que pretendem. Essas dificuldades têm sido superadas nas equipes através de parcerias com colegas que *'aprendem ensinam'*.

De repente todos os profissionais de educação se viram no desafio de *'usar'* – e até mesmo adquirir em função da necessidade do ensino remoto – todos e os mais diversos dispositivos tecnológicos para dar conta de uma necessidade educacional, enfrentando o que Pimentel chama de *"tecnofobia"* (2020) e com intuito de enfrentar as barreiras de desigualdades que a pandemia tem imposto às crianças que possuem diferentes condições socioeconômicas em casa. E as dificuldades são muitas: acesso a materiais pedagógicos disponíveis, acesso à internet de qualidade, posse de dispositivos tecnológicos recentes e de qualidade, suporte às atividades com apoio de responsáveis disponíveis, alfabetizados e com saúde (diante das tantas adversidades específicas de cada família).

Todas essas questões nos remetem à tentativa de compreensão e necessidade de incorporar *'prácticasteoriaspráticas'* curriculares que envolvam os recursos tecnológicos. Na área da Educação, algumas pesquisas têm se dedicado a buscar compreender os modos de atuação no que vem sendo chamado de *"educação online"*, para além do que vem sendo tratado como *"educação à distância"* (SANTOS, 2014). Com elas, vamos entendendo que é preciso incorporar, ainda, a ideia de que sua importância vai além da *'distribuição'*, *'divulgação'* de informações, já que os seres humanos no uso dessas possibilidades, transformadas em necessidades, vão criando múltiplas redes educativas com os mais diversos objetivos políticos e culturais que levam a que se crie, ao mesmo tempo, modos de *'aprenderensinar'* variados. Mais do que isto, pesquisas em diversos campos – em modos de atuação do cérebro; sobre sociabilidade; sobre redes de conhecimentos e significações – vêm mostrando que com sua aparição e o alargamento de seu *'uso'*, existe, especialmente nos jovens, mas não só, modos diferentes de criar conhecimentos, linguagens, formas de relações interpessoais e coletivas, bem como modos de pensar o mundo e criar conhecimentos e significações, além de produzir linguagens novas.

Olhar para a Internet como uma rede de trocas e como uma rede na qual inúmeros processos educativos ganham forma e ‘acontecem’ significa observar as articulações que ocorrem no seu interior, a partir de conexões diversas, formadas de relações entre seus múltiplos e tão diferentes ‘*praticantespensantes*’, articulados em diferentes processos. Os modos de trocas nas redes, entendido sob uma perspectiva da sociabilidade humana, permitem colocar em evidência as trocas horizontais que fluem nas mais variadas direções, sem centros, sem começos ou fins determinados.

Entendemos, ainda, que isto sempre aconteceu, mas que o aparecimento das mídias contemporâneas permitiram compreender melhor esses processos pela sua ‘exacerbação’, ou dito de outro modo, pelo aumento exponencial das trocas e agora, com a pandemia do novo coronavírus, tudo isso se multiplicou com muito mais velocidade e intensidade. Com isso propomos trazer para esse debate as redes educativas indicadas por Alves (2010) como potentes para os processos de formação e tessituras curriculares, no contexto da pandemia.

**Palavras-chave:** Aulas Remotas. Educação On-line. Processos Curriculares. Redes educativas. ‘*Docentesdiscentes*’.

### Referências

ALVES, Nilda. Redes Educativas ‘dentrofora’ das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: SANTOS, Lucíola, DALBEN, Ângela e LEAL, Júlio Diniz Leiva (Org.).

**Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente:** Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2010: 49-66.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** – artes de fazer – 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

PIMENTEL, Mariano. **UNIVERSIDADE E REALIDADE #1 - Ensino Presencial, EAD ou Modelo Híbrido**. *Live* promovida através da página no *Facebok* da Tribuna Universitária em 17 Jun. 2020. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/jornal.tribunauniversitaria/videos/1062162177512331/UzpfSTewM>  
 Acesso em: 24 jun. 2020.

SANTOS, Edméa. O. **Pesquisa-formação na cibercultura**. 1. ed. Santo Tirso: Whitebooks, 2014.